

A Capela de Nossa Senhora da Conceição

(EM BRAGA)

Pouco resta já dêsse velho fausto que outrora exaltou e enriqueceu a cidade onde se levantava hierática de domínio a benção do Primaz das Espanhas. Foi decaindo o brilho dos cerimoniais, a imponência da liturgia mantida por um colégio sacerdotal, digno de tradições distantes, onde os mais nobres vultos da igreja peninsular aparecem memorados.

Toledo, a velha cidade prelatícia, com foros de uma pequena Roma, que disputou a Braga a hegemonia religiosa, mantém ainda hoje a pompa dos rituais, engrandecida por um ambiente histórico admirável que paira sobre os seus monumentos erguidos numa arquitectura que os tempos modernos muito respeitaram no seu traçado e na beleza primitiva da sua ornamentaria castiça. Ali tudo se harmonisa para o realce do culto, desde os metais e as pedras preciosas dos vasos sagrados, desde o ouro e a prata da indumentária à música grandiosa que os organistas e as vozes dos cantores espalham pelas naves unguindo-as de além e de mistério.

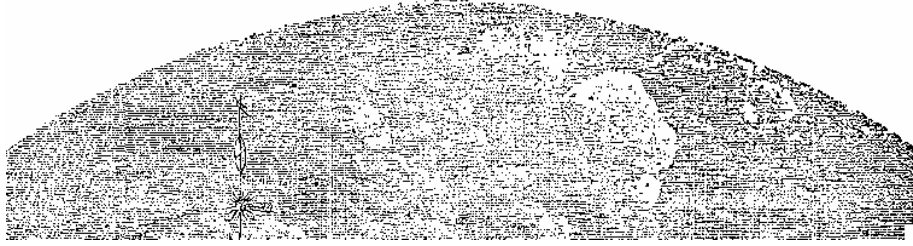
E Santiago de Compostela conserva, a par da quasi integridade dos templos, o exercício brilhante da sua liturgia, o tradicionalismo e a fama dos milagres a envolver a imagem padroeira da sua catedral que os peregrinos abraçam com devoção. Pois Braga de há muito perdeu sua grandeza, facto que a decadência monumental reflecte, agravada ainda pela demolição ou reconstrução bárbara do pouco que ficou. E recordei para comparação exactamente as duas cidades espanholas que mantinham com a nossa uma luta de prestígio ou de primazia.

Braga quasi nada nos confia do seu passado, estando, sob o ponto de vista artistico, num lugar bem inferior a Coimbra, Évora ou Viseu; focos de actividade cujos testemunhos permanecem quasi puros na venustês dos seus estilos vernáculos, nas preciosidades que ficaram da decoraçao das suas igrejas.

Fialho de Almeida, num artigo, agora publicado no livro póstumo *Estâncias d'Arte e "de Saudade*, condenou bem esta decadência da cidade dos arcebispos, flagelando impiedosamente os seus autores, filiando mesmo esta depressão do gosto estético *numa inveterada negação artistica própria já dos portugueses*, incapazes de "transfiltrar da visinha irmã um pouco da elegância e nobreza daqueles seus florescentes períodos constructivos... Em Braga, restauradores e constructores devem ter sido estúpidos marmos de cambulhada com arcebispos e municípios irrepeitosos do antigo e incapazes de dar corpo a qualquer espécie de construcção monumental. Sem dúvida demoliriam e estragariam os edificios românicos e godos que os hábeis architectos galegos e leonezes dos séculos XI e XVI por lá teriam edificado, e pelos traços que subsistem, cobertos de remendos e correccões de épocas espúrias, fácil se apura a hecatombe odiosa que tem sido. A fúria de renovar e reparar produziu no burgo lóbrego de D. Fr. Bartolomeu, tétanos de asneira a epileptisar de raiva a paciência de qualquer forasteiro iniciado."

E a linguagem fialhesca, expressiva, de poderoso recorte, cheia de intenção, evoca-nos, páginas adiante, a cidade dos humanistas, Évora, "formidável museu, imenso elucidário à história de Portugal" conservando íntegras na sua maioria as ossaturas dos seus monumentos.

Braga perdeu a beleza da sua catedral: o edificio grandioso que ela deveria ter sido, é hoje um monumento sem unidade, retalhado e profanado por canteiros bárbaros que odiaram o românico e o gótico, que os descarnaram e ofenderam. Quando ao visitá-lo, se encontra um pormenor isolado, um trecho arcaico que sobrevive, motivos velhos ainda que truncados pelo alvenel iconoclasta, os olhos alegam-se e o espírito entra no recolhimento e começa a imaginar o que foi o templo primaz quando o arcebispo D. Diogo de Sousa, como D. Jorge de Almeida, em Coimbra, espalhava a sua grandeza sacerdotal levantando monumentos religiosos para exaltação da fé, vasados nesse



ilflii

m

RiiffiS?

UJ,

li

lii

CAPELA- DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Desenho de Nogueira da Silva, publicado em 1861
no ARCHIVO PITTORESCO, onde, além do
aspecto, hoje modificado, do lado Sul do mo-
numento, se vê o padre capelão recolher o di-
nheiro lançado na caixa das esmolas. 31

j» i

ogival mais nervoso e mais exuberante da decadência, reprimido depois pela linguagem ática do renascimento.

A munificência deste verdadeiro príncipe da Igreja continua o esforço do seu antecessor, D. Jorge da Costa, o construtor da galilé abobadada que embeleza a frontaria da Sé; e assim povoou de imaginária baldaquinos e nichos, fez lavrar um dos mais notáveis retábulos portugueses, reedificou a abside da catedral, cobrindo-a de nervuras que se entrelaçam na mais elegante composição geométrica, para que os pontificais se celebrassem com mais brilho; construiu a Igreja de Sant'Ana, a Capela de Nossa Senhora a Branca, a Igreja de S. João do Souto e outros monumentos agora destruídos ou completamente alterados, e enriqueceu o tesouro com dádivas preciosas:

"... com a prata e ornamentos que elle só deu, se podia bê servir húa das mães graves, e ricas Sés de toda a Hespanha" (1)

Legislador, fundador, restaurador, são estes os atributos da sua personalidade completa de arcebispo e artista.

Seguindo pela rua de Nossa Senhora do Leite, cuja imagem enche de graça a ousia rendilhada da Sé e mesmo aquelas" pedras que estão mais longe dela, onde se incrustam, enegrecidas já, algumas inscrições; e passando depois à rua de S. João do Souto e ao largo onde esta remata, encontramos a Capela dos Coimbrãs ou de Nossa Senhora da Conceição, erguida como uma atalaia, defendido com a sua linha de ameias floridas a contrastar com o yasado elegantíssimo da grillagem absidal da Sé que quasi lhe fica fronteira. Este monumento de traços tão simples e tão original na arquitectura religiosa portuguesa, encosta-se pelo lado Norte à igreja paroquial de S. João do Souto, esta com a sua fachada de um inexpressivo e pesado barroquismo, delineada por um reformador de atrofiado gosto e que viveu num século ofensivo, e ignorante da beleza medieval.

(1) *Historia Eclesiastica dos Arcebispos de Braga*, 2.^a parte— Dom Rodrigo da Cunha.

De facto, parece ter sido este templo de S. João um dos melhores monumentos da Braga antiga: no *Liber Fidei*, do Arquivo do Arcebispado, havia um documento marcado com o número 468, referente à doação da igreja de S. João do Souto e suas pertenças e padroado, feita no ano de 1131 por Pedro Aurífice e por sua mulher Elvira Midis, seus fundadores, a D. João Peculiar, Arcebispo de Braga. E Senna Freitas ⁽¹⁾ diz que num antigo livro do arquivo da igreja, chamado *Livro das Lembranças*, se mencionam doações feitas em 1373 à confraria de S. João Baptista.

Depreende-se destes documentos que naquele lugar, onde hoje se encontra a igreja de S. João do Souto, existiu uma outra mais humilde, presumivelmente dedicada a este santo, e ampliada depois por D. Diogo de Sousa que para lá transferiu em 1512 a imagem de S. João Baptista existente no castelo da cidade, junto à torre de menagem, numa capelinha cujos vestígios ainda no século XVIII se conheciam. A primitiva designação de S. João Baptista seria depois substituída pela de S. João do Souto.

Como se sabe, D. Diogo de Sousa, o grande reedificador e construtor, abriu através um grande souto, que naquele lugar se estendia, uma nova rua, a conhecida hoje que parte da absida da Sé até ao largo: esta nova artéria tomou o nome de rua de S. João do Souto, e a igreja adoptou também esta invocação. O mesmo arcebispo rodeou de muros aquela parte visinha do templo, fazendo neles um arco e porta onde num nicho foi colocada a imagem de Nossa Senhora.

O que resta de primitivo nesta igreja de S. João do Souto? Infelizmente, nada. A velha construção foi substituída pelo que lá hoje se vê, em 1758, no tempo do arcebispo D. Gaspar de Bragança.

Pinho Leal diz no seu *Portugal Antigo e Moderno*, na parte relativa a Braga, que na Congosta, que desemboca no Campo de Sant'Ana, serve de entrada a um quintal um bellissimo portal que foi desta igreja, e ornado de flores, frutas, colunas e anjos.

Esta informação obrigou-me a percorrer cada um dos quintais da referida travessa, não encontrando absolutamente nada que me interessasse, não colhendo mesmo ne-

(1) *Memórias de Braga*, Tomo 2.º — Senna Freitas.

nhum elemento que apoiasse o texto de Pinho Leal publicado em 1873: a verdade é que por ali ninguém se lembrava ou sabia, de tal porta. Há, efectivamente, na rua do Sardoal, a servir de entrada para o quintal do Sr. Dr. Artur Novais Vilaça, unia porta que pertenceu, segundo os dados que obtive, à igreja de Sant'Ana, edificada por D. Diogo de Sousa, e demolida, há poucos anos ainda, para embelezamento da cidade! É ogivada, com uma decoração muito simples, vendose no fecho do arco um escudo cuja inscrição ou data primitiva foi substituída por outra mais moderna, do ano de 1777, o que me levou a supor alguma transformação bárbara no referido templo de Sant'Ana, ou reedificação nefasta, como na' Sé e em outros monumentos.

Mas se a igreja de S. João do Souto não conserva o mínimo vestígio da sua antiga fábrica, pois tudo se subverteu na reconstrução insultuosa do século XVIII, a Capela de Nossa Senhora da Conceição oferece a sua fisionomia antiga, desde o patinado da pedraria às imagens puídas, à planta inicial tão marcante pela originalidade.

Nesse largo de S. João do Souto, tão iluminado, a capela destaca-se como uma nota cheia de beleza arquitectónica, muito sóbria, no meio do casario incaracterístico que substituiu as velhas moradias onde avultava o nobre solar dos Coimbrãs, residência dos administradores da mesma capela. O snr. Dr. José Machado, num artigo publicado na *Ilustração Portuguesa*, em 1906, descreveu esta boa relíquia da habitação portuguesa quinhentista, arquivando com umas oito fotografias alguns dos seus aspectos: o da fachada, o das trazeiras do edifício, com a interessante janela da cosinha, ornamentos no telhado da cocheira, pátio e escada, e as variadas janelas de panos e arcos lavrados, mas já sem os mameis que as geminavam. Tudo isto foi demolido há poucos anos ainda, numa fúria insultuosa de renovação.

Nós, que tão poucos documentos possuímos da história da habitação em Portugal (¹), temos primado nesta perseguição demolidora que subverteu e ofendeu a existência dos velhos estilos que dignificavam as fachadas dos templos e das construções laicas.

(¹) Ver também no 2.º vol. das *Notas sobre Portugal*, o belo estudo do Professor Snr. Dr. João Barreira acerca da história da habitação no nosso país.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição salvou-se dos mutiladores, escapou à sanha destruidora que demoliu o solar, mantendo, pode dizer-se, desde a sua fundação até hoje, a mesma fisionomia.

Esperava eu encontrar acerca deste monumento uma elucidativa documentação que, além dos elementos relativos à data da construção, dissesse alguma coisa sobre os artistas que nela trabalharam.

No arquivo da casa dos Coimbrãs devia existir tudo isto, e nesta suposição dirigi-me ao Snr. D. José de Queiroz Lencastre, actual representante daquela família e proprietário, portanto, da capela, para ver se conseguia obter .mais alguns dados que completassem os da única fonte que pude ver e cuja reprodução, em gravura, de alguns trechos, dou pelo seu interesse neste estudo: o *Instrumento de Instituição do Morgado de Nossa Senhora da Conceição*.

A resposta do Snr. D. José de Lencastre não foi inteiramente negativa, parecendo provável a existência de mais documentos alusivos à capela dentro do seu espólio, ainda por ler e classificar, contendo talvez, eu sei lá, os nomes dos escultores e canteiros cuja identidade tanto e tanto me interessava.

É desanimador o estudo de um monumento só por si, sem a documentação que cite os artistas ou faça a sua história. Neste caso, não vamos além das pedras inscricionais e de um manuscrito em pergaminho onde se contem o referido *Instrumento de Instituição*, pelo qual se vê que a 16 de Fevereiro do ano de 1530, na muito antiga e sempre liai cidade de Braga, nas casas da morada do Doutor João de Coimbra, provisor no arcebispado, este, em presença do tabelião e testemunhas, disse que "elle tinha licença dei Rei para poder comprar bens de Raiz *para dotar uma capela que tinha feita na Igreja de São Johão do Souto*., seguindo-se depois o traslado da carta passada em Lisboa a 12 de Março de 1527, em que D. João m concede licença ao Dr. João de Coimbra para adquirir bens de raiz *para sustento da sua capela*.

Esta carta foi já publicada no *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, coordenado por Sousa Viterbo, a páginas 515, 2.º volume, e encontrada no Arquivo da Torre do Tombo entre os documentos pertencentes à Chancelaria de D. João m — Doações, livro 3.º, foi. 61:

Dom J.º &c A quamtos esta minha carta virem faço saber que o doutor Joham de Coimbra, prouisor do arcebispado de Braga, me fez emformaçã que elle por seruiço de noso Senhor e descarguo de sua comsyemça e pellas almas a que era obrygado faziam (sic) nua capela da emvoçam (sic) de nosa Senhora da Comceiçam na igreja de sam Jº do Souto da dita cidade de Bragua përa nella fazer sua sepultura, pedimdo por mercê que por quanto elle querya comprar bees de rayz përa lleixar e dotar a dita capela përa se dizer nela cada dia misa, leixar por menystrador a seu parente ou parenta ileiguo mais achegado e ouvese por bem que elle podese comprar os ditos beês, e eu visto por mim seu requerimento e queremdo lhe fazer graça e mercê tenho por bem e lhe dou llugar e licença que elle posa comprar todos os bees de rayz que lhe aprouer para dotar e leixar a dita sua capela, os quaes bees que asy comprar nam serem em meus regemguos nem terás jugadeyras nem bees que a mim sejam obrigado em allguu foro e trabuto e quãdo os comprar os registara e fará delles asemio no liuro do almoxarifado de omde os comprar com toda a decraraçã dos beês que sam em sua medica das pessoas de que os ouve e comprou e por que presos përa sempre se saber quamtos e quaes os ditos bees sam e como foram comprados per minha licença përa se dotarem e leixarem a dita capela, esta licença lhe dou com tall decraraçã que o menistrador da dita capela seja lleiguo e de minha jurdiçã e lleixando a dita menys- . traça a pessoa que não seja asy lleigua de minha jurdiçam se perderam përa mim todos os ditos bees, e com esta llemitaçam lhe outorgue a dita licença, e esto me praz e lhe outorguo sem embargue de minha ordenaçã e de quallquer outra cousa que hy aja em contrario per que seja defeso e mando que se nam posa pellas pessoas ecresiaslicas fazer as symylhantes compras sem minha autoridade e licença, a qual quero e mãdo que nysto na aja llugar. Porem mãdo a todolos meus corregedores, juizes e justiças officiaes e pessoas a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento delia pertemcer que em todo lhe comprem e guardem e façam comprry e guardar como nella se comtem sem duuida nem êbarguo algum que lhe seja pçsto, por que asy he minha mercê.

Dada em a minha cidade de Lixboa a xij dias de março—Bertolameu Fernamdez a fez —de jb^c xxbij».

Aparte algumas incorrecções que Sousa Viterbo aponta, o texto da carta que se encontra como traslado na Instituição e o texto depositado no Arquivo do Tombo concordam perfeitamente.

Pela Instituição se vê que o Doutor João de Coimbra

deixou e dotou a sua *capela de Santa Maria da Conceição pelo assim sentir por serviço de Deus e por descarrego da sua consciência*, entre outras, com as seguintes coisas:

Um cálix de prata dourada, com sua patena dourada também, com esmaltes no nó do meio e no pé um rótulo com as suas armas.

Uma vestimenta de damasco branco com sebasto de veludo carmezim, com sua franja e alva estola e umas 6 outras vestimentas.

Um livro missal de pergaminho místico *do costume de Braga*, encadernado com tábuas, coberto de couro vermelho...

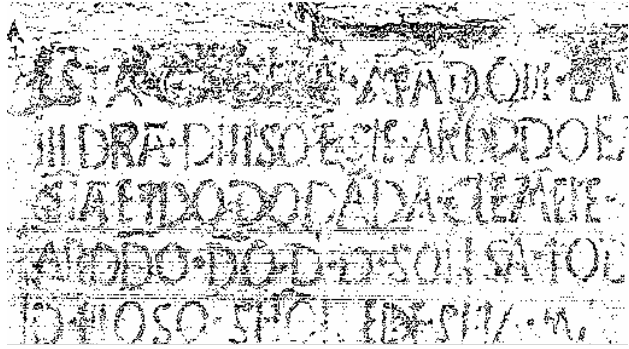
Para onde iriam estes utensílios do culto?

Desapareceriam, certamente, como muitos do tesouro da Sé, desfalcado criminosamente por ocasião das invasões francesas, que tanta e tanta preciosidade nos levaram — só com a prata e ornamentos que D. Diogo de Sousa deu à catedral "se podia bẽ seruir bua das mães graues e ricas Sès de toda a Hespanha", segundo informava D. Rodrigo da Cunha na sua *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, 2.^a parte, publicada no ano de 1635.

No mesmo pergaminho, mais adiante, lê-se:

"Deixo a Cristóvão de Coimbra, meu sobrinho, leigo administrador da *capela de Santa Maria da Conceição que tenho feita* NA Igreja de S. João do Souto, a dentro dos muros desta cidade de Braga, umas casas sitas na Rua de S. Marcos, defronte da porta da dita igreja de S. João do Souto em que eu vivo com todas as suas entradas e saídas, estrebarias e jardim..."

Reparemos desde já que em mais de um ponto se vê no *Instrumento de Instituição* que a capela de Nossa Senhora da Conceição foi feita na *Igreja de S. João do*



c, :''' .ri << // ''' / • , ; ' / f-V
• -t ifi io > .» f (f ' ' • ' ,
ÍU&.ISU L^1-^ , ' '?
t_* ** , f''6 »! / A f 'Ú»! A t l V »! » ? ' * -
/ , - * ; ! ! - f f j 1 ' . • v / ! ^ u V -

Inscrição com a data da Fundação da Capela (*Sala do Arquivo, parede do lado Oeste*)

o

R A: . yi-g

f j \<

•'''•; C_s
niCÂ.v'7

Inscrição comemorativa da consagração da Capela (*Galilé, interior, parede do lado Sul*)

Cl. do autor.

Souto. Hoje quási independente desta, estava outrora, segundo parece, na mais íntima ligação, como veremos.

A frente do monumento, vestibulando a entrada, encosta-se a galilé, de arcos abatidos, com duas elegantes colunas ao centro, defendida por torneadas grades de ferro encimadas por uma bem trabalhada decoração barroca, de folhagens e flores, onde se destaca, ladeado por duas crianças nuas e animais estilizados, o braço dos Coimbrãs com o elmo tarado de perfil e timbrado por uma estrela. Por cima, no telhado, com o peso assente na cornija, vemos umas esculturas que representam um fauno, S.^{to} Antão, um Hão, S. Paulo Eremita, e um centauro, não se encontrando já lá hoje o corvo que segurava um pão no bico e que figurava numa coluna de pedra erguida ao meio, exactamente sobre o baixo relevo que repete o mesmo motivo e acompanhado da palavra CORVVS, tudo isto alusão, talvez, a algum acontecimento notável da família Coimbra mas envolvido pela fantasia e pela lenda.

Na outra divisão do edificio, ocupada pela sala que o Provisor João de Coimbra destinou para arquivo da sua casa, abrem-se duas janelas de arcos redondos e colunelos reítrantes, geminadas, de tímpanos lobulados à maneira do gótico flamejante. E na silharia escura da torre, por cima da moldura que a abraça, esteiam-se em elegantes mísulas doceladas de baldaquinos, imagens que o artista cinzelou na branda pedra de Anca: voltada a oeste, salienta-se a estátua da Virgem com o Menino, ainda não há muito encerrada num oratório de ferro envidraçado, mandado retirar depois por iniciativa de Albano Belino, pessoa a quem o Snr. D. José de Lencastre confiou certas obras de restauro na capela; e em cada um dos ângulos, junto ao cordão que desce pelos cunhais, estão as imagens de S. João Baptista e de S. Paulo, seguindo-se mais duas estátuas do lado Sul, uma também sob a janela e a outra quási encostada à capela de Santo António dos Esquecidos, provavelmente representando S. Pedro e S. Tiago.

Da cornija nascem gárgulas, com os motivos conhecidos dos bestiários, umas maiores do que outras, segurando aquelas escudos armoriados onde se distingue o braço do arcebispo D. Diogo de Sousa.

Uma linha de ameias floridas engrinalda a parte superior da torre coberta por um telhado de quatro vertentes, outrora revestidas de azulejo, de cujo vértice rompe uma

bem interessante grimpa de ferro, já modificada por ulterior restauro, com a esfera armilar na base e na haste a bandeira dos ventos, com o sol radiado, e por cima, como remate, a cruz inscrita num círculo de estrelas tendo ao alto a pomba do Espírito Santo. A primitiva consistia na esfera de ferro com a lua e o sol, irradiando deste a bandeira dos ventos onde figuravam as armas dos Coimbrãs, e por cima a cruz circulada de estrelas. É das veletas mais curiosas, merecendo a atenção de Rocha Peixoto que a citou na *Portugália*, 2º volume, a par de muitas outras, em um estudo acerca dos cataventos portugueses.

Segundo informa o *Termo de apegção* desta capela, datado do mês de Maio, do ano de 1755, (¹) a galilé era abobadada:

" Tem esta capella um frontispicio para a rua de São João do Souto virado para o poente, com seu cabido antes de se entrar n'ella e este cabido se sustenta em bem . lavradas columnas e arcos de pedra *fechado com 'ima abobada de pedra.* „

Pelas obras lá executadas ou a abóbada desapareceu ou está encoberta, o que parece infelizmente não succeder, ou então o descritivo feito no citado termo de apegção é exacto.

A galilé esteve muitos anos desfigurada interiormente por duas pequenas sacristias que foram mandadas demolir por indicação de Albano Belino (²). José Caldas, fala, numa nótula que em 1885 publicou acerca deste monumento, (³)

(¹) O Snr. D. José de Lencastre, acedendo ao meu pedido de conhecer alguns documentos relativos à sua capela, confiou-me a cópia deste *Termo de apegção*, lavrado em Maio de 1756 ou de 1746: menciono as duas datas, porque a presente cópia começa com o ano de 1756 e encerra-se com o de 1746, havendo, sem dúvida, erro por parte do copista na transcrição de uma das datas, pelo menos.

(²) *Arte e Natureza em Portugal— Capela de Nossa Senhora da Conceição*, Albano Belino, 1908.

(³) *A Capela Antiga do Senhor Morto em Braga*, José Caldas.

na sacristia de paramentação onde se lia a inscrição relativa à consagração da capela em 1528. Ora esta sacristia de paramentação desapareceu como se viu, ficando, contudo, no mesmo lugar, na parede do lado Sul, a importante inscrição que adiante reproduzo. Na parede, do lado Norte, fez gravar Albano Belino uma outra inscrição alusiva aos trabalhos de restauro comemorativos do 50.º aniversário da definição dogmática, da Imaculada Conceição.

A galilé não era de modo nenhum a entrada da capela: as pedras foram depois cortadas para a passagem exactamente no espaço compreendido entre as duas colunas. Fizeram-se obras que a alteraram em alguma coisa, observando muito bem o Snr. Aguiar Barreiros num dos artigos publicados em 1921 no jornal *A Época*, acerca deste monumento, que "o desvão e cunha! da esquerda tornados mais amplos por descuido nas medidas, fez avançar no sentido da largura todo o lado direito, parecendo ser a galilé de outra proveniência, o que se não dá. Conjugue-se a desigualdade da largura dos desvãos e dos cunhais com a diversa qualidade do granito da parede sobre o desvão da esquerda, para nos convenceremos da mal cuidada reparação."

A galilé, que mede interiormente 2^m60 de comprimento e 4m18 de largura, tem abertos nas paredes Sul e Norte, em ambas as faces, dois arcos fingidos.

A porta de entrada da capela, sob a galilé, é em ogiva, e decorada com motivos renascentista, notando-se no fecho do arco o brasão de D. Diogo de Sousa, com as quinas e os crescentes, e por cima a figura de um anjo segurando um escudo com uma cruz, figura que os restauradores certamente mutilaram para a modernização da cobertura.

Construída na primeira metade do século XVI, a Capela dos Coimbras é essencialmente de estrutura gótica, marcada com tanta beleza na sua abóbada polinervada. Não é renascentista a alma deste edifício, desta original quadra, onde a imaginária dos nichos e altares pertence ao renascimento francês.

Os artistas biscainhos espalharam-se por várias terras de Portugal. Em Coimbra vemos em pleno domínio Diogo de Castilho que sucedeu a Marcos Pires, ocupando primeiro,

a 7 de Abril de 1524, o lugar de *mestre de obras de pedraria* do mosteiro de Santa Cruz, espalhando a sua actividade artística por outros lugares circunvisinhos, como Gois e S. Marcos ^(x), e colaborando com o escultor Nicolau Chaterene, o admirável lavrante francês.

A propósito da capela mor da Sé de Braga, dizia, em 1706, o P. Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa* (Vol. i, pág. 173):

A Capella mor tem excellente retabolo, todo de pedra, que obrarão os Biscainhos por ordem do Arcebispo Dom Diogo de Sousa dos quaes ficarão muitos na Cidade, e fundarão casas em huma rua, que chamão dos Biscainhos, pela dilatada assistência, que tiverão em o fazer.”

De facto, ainda lá hoje existe a rua dos Biscainhos, sendo muito provável que estes artistas tivessem vindo para Portugal chamados a Braga por D. Diogo de Sousa que lhes confiou várias e importantes construções no seu arcebispado.

Da cidade primaz teriam irradiado para outras terras, contando-se entre eles os irmãos e filhos de João de Castilho, gente nobre, com armas assentes e registadas no Livro da Nobreza ⁽³⁾, armas que poderam usar em Portugal por carta de D. Sebastião, datada de 1561.

O architecto que dirigiu a construção da capela mor da Sé, nomeadamente da sua abóbada, devia Ser o mesmo que traçou a da Capela de Nossa Senhora da Conceição e que edificou ou reedificou o solar dos Coimbrãs.

A imaginária da Sé, tanto a do admirável frontal do altar mor como a que povoa os nichos da galilé, não é com certeza das mesmas mãos que cinzelaram as esculturas da capela construída pelo provisor, o Dr. João de Coimbra.

O artista ou artistas da Capela de Nossa Senhora da Conceição seguiram mais os paradigmas do renascimento.

⁽¹⁾ *O Mosteiro de S. Marcos*—Dr. Teixeira de Carvalho.
João de Ruão e Diogo de Castilho—Dr. Teixeira de Carvalho.
Um túmulo Renascença — Dr. Vergílio Correia.

⁽²⁾ *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos...* — Dr. Sousa Viterbo.
João de Ruão e Diogo de Castilho — Dr. Teixeira de Carvalho.

Entrando-se na capeia, admira-se, em primeiro lugar, a abóbada, ornada de florões onde, ao centro, no fecho, cercado de oito discos aparece o braço dos Coimbrãs: em campo de prata um ramo verde, o cardo talvez, com uma estrela de ouro era chefe, da parte direita, tudo orlado por uma corda de ouro ⁽¹⁾.

Em frente da actual entrada encontra-se o altar mor, em pedra branda, com as suas pilastras e entablamento decorados segundo a renascença, aparecendo o bucrânio, os grotescos, e na predela, enquadrados em rectângulos, bustos em baixo relevo com as figuras tão características do estilo. Ao centro do retábulo, protegida por um baldaquino com o docel estrelado, está a padroeira da capela segurando no braço direito o menino e amparando no esquerdo uma pomba que debica os bagos de um cacho que a mão do pequenito lhe estende: o manto envolve com simplicidade esta escultura que me lembrou um pouco em nobreza e graça a Virgem de João de Ruão, vinda do mosteiro de Celas para o Museu Machado de Castro em Coimbra; é a mesma testa alta, o mesmo olhar parado de encantamento.

Dos lados do Evangelho e Epístola, respectivamente, sob baldaquinos cavados superiormente em concha, vemos as imagens de Sant'Ana e de S. Joaquim, a primeira sorrindo-se, com um naturalismo que recorda essa figura de *Mulher conduzindo um menino*, exposta no mesmo Museu, "magistral espécimen da estatuária da renascença coimbrã", do século XVI, como a classificou o Snr. António Augusto Gonçalves. Não são vulgares no nosso país exemplares como estes. Todas as imagens cinzeladas em calcáreo formam com as Virgens do exterior da abside e do altar mor da Sé um belo núcleo de esculturas renascença em Braga, a que já faltam muitas outras, destruídas ou perdidas, como a de Nossa Senhora-a-Branca, a Virgem das Neves, de quem Carvalho

(1) Sei que o Snr. Dr. José Machado vai publicar no número a sair do *Boletim do Arquivo distrital e da Biblioteca Pública de Braga*, um artigo acerca do braço dos Coimbrãs, cujo texto e conclusões desconheço, que certamente explicará a razão das figuras heráldicas colocadas no seu *campo*,

da Costa escreveu na sua Corografia ao falar da cidade primaz:

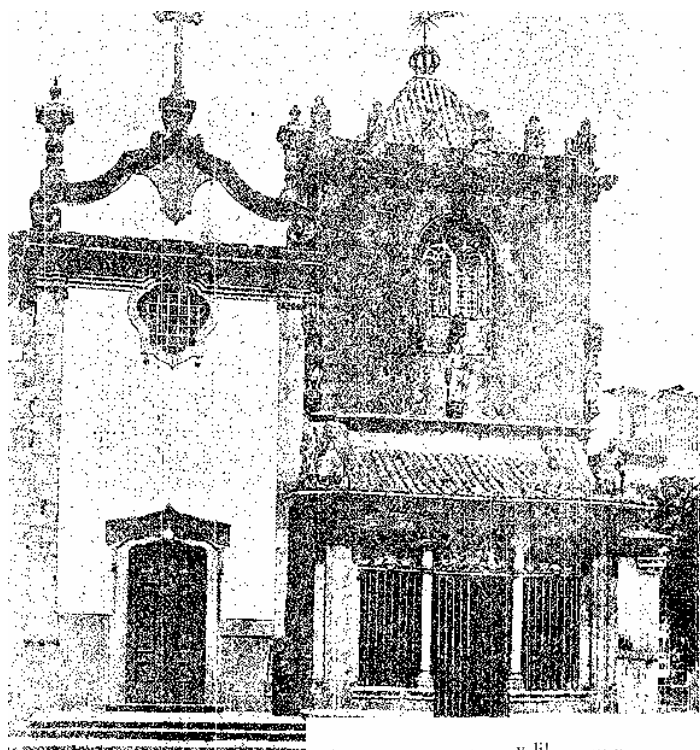
"A imagem da Senhora he muy magestosa, e devota, suspende os olhos a quem a vé, e parece-lhe oferecer o Filho, que tem em seus braços..."

As esculturas de Sant'Ana da Virgem e de S. Joaquim, são ladeadas por outras imagens mais pequenas e de menor valor, assentes em mísulas protegidas por dóceis adossados às pilastras, representando Abraão, Moisés, David e Jacob.

Compreendendo quasi todo o lado Norte, abre-se para a Igreja de S. João do Souto, de alto a baixo, um arco em ogiva afestonado de lóbulos e fechado por sólidas grades torneadas. Com que fim se realizou esta separação tão nítida entre os dois monumentos?

Lemos no *Instrumento de Instituição ao Morgado de Nossa Senhora da Conceição*, datado do ano de 1530 que o Doutor João de Coimbra tinha licença do Rei para poder comprar bens de raiz e com eles *dotar uma capela que tinha feita na Igreja de São João do Souto*. Estas palavras, em cuja transcrição insistimos, do velho pergaminho parecem indicar que o monumento religioso mandado construir pelo Dr. João de Coimbra era uma capela lateral enxertada na face Sul da igreja de S. João do Souto. Vendo interiormente este templo, logo à entrada, ao nosso lado direito deparamos com o elegante arco adornado de finas colunas assentes num baseamento gótico. Esta entrada existiria ao ar livre, sem contacto com o templo edificado por D. Diogo de Souza, ou incorporava-se na igreja, muito para cá do transepto, como sucede, por exemplo, que me lembre neste momento, em Vouzela, na sua igreja matriz, onde existe nas mesmas circunstâncias a capela pertencente à *Casa da Cavalaria*?

Quando o Doutor João de Coimbra fez construir a sua capela, reparou ao mesmo tempo a igreja. Isto di-lo a ins-



E5A:?.-T44?S«(S"-v li!?" ilifiv K
^amzm\$Afa»AuZA. sfês&i&SZ.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(FRENTE ACTUAL)

Cl. do Autor.

crição que se encontra na citada sala do arquivo, no primeiro e único andar da torre, e gravada na parede, junto à janela voltada a Oeste, a l.^m, 37 do solo: ,

"Esta capela mandou fazer o Doutor João de Coimbra Provisor em este Arcebispado e a dotou. Repairou a Igreja em tempo do Papa Clemente 7.º e de El-Rei D. João m e do Arcebispo Dom Diogo de Sousa. Todo seja em louvor de Nosso Senhor e de sua Madre Nossa Senhora. 1525

Pela fotografia que obtive pode fazer-se facilmente a leitura. Sabe-se que o arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, visitando em 1706 a capela e a igreja, deixou no livro respectivo, a fls. 49, o seguinte: (1)

"Constando-nos que a capella de Nossa Senhora da Conceição de que é administrador Joseph de Coimbra de Andrade, só de anos a esta parte tem porta para a Rua, como actualmente tem hoje, porque aonde hoje tem a dita porta tinha uma faneila com peitoril e grades de ferro que o tempo consumiu, e da janella fez porta com serventia para a Rua, o dito administrador, servindo-se até áhi a dita capella pellas portas da egreja na occasião em que estavam abertas: e porque da egreja principalmente em que está o Santíssimo Sacramento mal se pode entregar a alguém tendo duas chaves em diferentes mãos, e devemos obviar todo o perigo premeditado em semelhante caso, por tanto mandamos que o dito Joseph de Coimbra de Andrade, ou mande pôr a janella de peitoril como estava ou se fecha por dentro a porta da capella que vai para a Rua, de maneira que se não possa esta abrir sem primeiro se desfe-

(1) *Inscrições e Lettreiros da Cidade de Braga*—Albano Bellino.

char por dentro, porque em nenhum tempo o R^{do} Abbade desta igreja possa dar por desculpa de algum caso que succeda nella não dever guardar casa que tem duas portas; e esta se executará logo, e advertimos ao administrador mande fazer as obras que se lhe ordenarão a visita passada.”

Isto passava-se no ano de 1706.

No Termo de Apegação da Capela de Nossa Senhora da Conceição, datado de Maio de 1756 (ou de 1746, pois aparecem as duas datas na cópia), vemos na descrição do monumento o seguinte:

" Tem mais um grande arco em frente ao Santo Sepulcro, acima dito o qual se fecha com uma grade de ferro bem lavrada e torneada e pintada de verde, *cujo arco é serventia mais comum da Igreja para a dita capella*, (1) com sua fechadura, cujas chaves estão sempre em poder do administrador e administradores, que tem sido, e logo da parte da mesma Igreja de São João, acima do dito arco referido está uma porta que dá entrada e serventia para a torre d'esta capella, à qual se vae por uma bem lançada escada de pedra de caracol cuja chave é também cessa em poder do administrador d'este Morgado.”

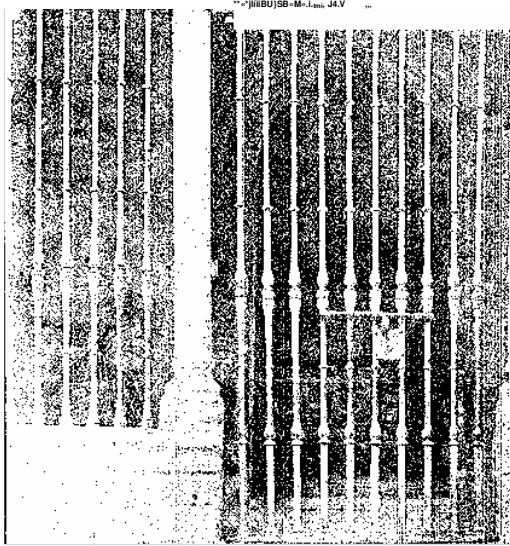
Por fim, no tempo do Arcebispo D. Gaspar de Bragança, de 1758 a 1789, faz-se a reedificação da igreja de S. João do Souto, lavrando-se uma escritura de contrato com o Administrador dos Morgados dos Coimbrãs *para se acrescentar a igreja até ao alinhamento da capella respectiva*.

O que seria interessante era verificar, para este problema, a data do *Termo de Apegação*, pois a cópia que vi não oferece, na verdade, uma grande confiança. Se se tra-

(¹) O sublinhado é meu.

""-V. v-

U&£\$



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
(ORADEAMENTO DA GALILE)

Cl. do Auíof.

tasse do ano 1756 ou 1746, não havia dúvida nenhuma que a capela comunicava com a igreja.

As palavras, porém, que o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles escreveu, quando da sua visita em 1706, parecem não oferecer dúvidas a este respeito, concordando, afinal, com o que se lê no Instrumento de instituição e que não é ocioso repetir:

"... uma capela que tinha feita na
Igreja de São João do Souto ,,

Os dados do problema são estes e a resolução não é tão clara como à primeira vista se julga.

Albano Belino no artigo citado, inserto na *Arte e Natureza em Portugal*, (1908) escreveu: "admite-se que a N. encostado desde a primitiva à igreja de S. João do Souto fosse sempre o que ainda hoje é, desprovido de janela e de estátuas."

Não digo que seja esta a solução, mas a outra oferece também as suas dificuldades: em todo o caso, os dados do problema aí ficam. Resta averiguar o que é que a Igreja de S. João do Souto avançou até faciar com a Capela de Nossa Senhora da Conceição.

A torre escalaria, encostada a Este, e que se vê ainda hoje, servia para a saída do arquivo, sendo a sua entrada, ao que parece, independente da capela. Quando por lá descesmos, a primeira e segunda vez, as escadas estavam cheias de entulho: notei que/no fundo havia uma saída obstruída com pedras. É voz corrente em Braga, segundo o que ouvi, que a torre comunicava com um corredor subterrâneo: iria ter ao solar dos Coimbrãs? Em que direcção seguia?

À torre foi modificada: quando se descem os primeiros degraus, uns quatro talvez, encontra-se um arco por onde se passa sem dificuldade e que dá para um pequeno desvão onde eu pude ainda encontrar os restos de um baldaquino, mostrando-se assim que a face Este do monumento era adornada de estátuas como as outras.

Depois que foi interceptada a entrada da escalaria, abriu-se, no século XVIII, na parede Sul, mesmo ao lado da Capela de Santo António dos Esquecidos, uma porta que dá

para a sala do arquivo onde de interesse existe apenas a inscrição já mencionada.

Mas voltando ao interior da capela: (1) na parede do lado Sul abriram, junto quasi ao altar-mor uma porta que comunica com a sacristia, construída no século XVIII sob a escadaria que dá para a Capela de S.^{to} António, e onde se vê ainda, descendo pela parede, o cordão que ornamenta o edifício nos seus quatro ângulos.

E defronte mesmo do arco, que foi outrora a entrada da capela, está um altar com uma *Deposição no Túmulo*: é um trecho renascença, ainda ligado em parte à decoração, ao recorte ogival. No entablamento, apoiado em duas pilstras, lá aparece de novo o braço dos Coimbrãs. O altar remata ao centro por uma mísula onde se apoia a imagem de Cristo ressuscitado, imagem um tanto desproporcionada para ali.

O lavrante trabalhou sem minúcias aquele granito que não é decerto a melhor pedra para decorar pela sua dureza; mas no Norte do país, como era a rocha dominante, teve de ser empregado, conseguindo muitas vezes os artistas pormenorizar motivos delicados cuja execução a ser feita no calcáreo não oferecia nenhuma dificuldade: lembrome agora, por exemplo, do mausoléu dos Brandões, na Igreja de S. Francisco, do Porto, que me parece representar do melhor trabalho em granito.

Fitemos agora a *Deposição no Túmulo*, um tema admirável do passionário religioso, tão versado pelos pintores e pelos escultores, e em Portugal quasi nada desenvolvido. E sem querer, recordei Cristóvão de Figueiredo, o seu belo quadro do *Museu Nacional de Arte Antiga*, tão piedoso nas suas figuras angustiadas que choram o Sacrifício quasi em silêncio... E depois os *Monumentos* de Coimbra, da nossa pequenina Florença, guardados na sala onde se conserva a imaginária da Renascença, a *Virgem* de João de Ruão, a *Ceia* de Mestre Udarte, retábulos e esculturas isoladas, tudo encerrado naquele ambiente onde parecem resoar os acordes do contrapontismo quinhentista, os compassos de Palestrina ferverosos e imensos...

Os passos da vida do Senhor não serviram de assunto apenas para as artes plásticas. Na bibliografia dos mistérios

encontramos os mesmos motivos adaptados às representações sagradas, existindo obras notáveis desta literatura dramática como *Le vray mystère de la Passion* d'Arnoul Greban, obra de 1452, pouco ou nada conhecida entre nós, revivida hoje por L. de la Tourrasse e Gailly de Taurines, e representada ha pouco ainda em Paris, no *Odéon*, com encenação estudada por Antoine e com a partitura arranjada por Tourrasse sobre temas das duas *Paixões* de Bach, *segundo S. João* e *segundo S. Mateus*, partitura executada no mesmo teatro, mas incompletamente, em 1913, pela orquestra de Bretonneau.

Foram os 34.575 versos do século XV, número que foi elevado com o tempo a 60.000, que os adaptadores reduziram, deixando intacto o sentido e a fisionomia medieval do mistério quatrocentista, onde o triunfo humano alcançado por Jesus no Domingo de Ramos engrandece através o martírio heróico até ao triunfo divino da sua morte e ressurreição.

O tema das Deposições ou Monumentos está nestes versículos, do Evangelho:

38 Post haec autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathae (eo quod esset discipulus Jesu, occultus autem propter metum Judaeorum) ut tolleret corpus Jesu. Et permisit Pilatus. Venit ergo, eí tulit corpus Jesu.

39 Venit autem et Nicodemus, qui venerat ad Jesum, nocte primum, ferens mixturam tnyrrhae et aloes, quasi libras centum.

40 Acceperunt ergo corpus Jesu, et ligaverunt illud linteis cum aromatibus, sicut mos est Judaeis sepelire.

41 Erat autem, in loco ubi crucifixus est, hortus: et in horto monumentam novum, in quo nondum quisquam positus erat.

42 Ibi ergo propter parasceven Judaeo-

rum, quia juxta erat monumentum, posuerunt Jesum.

(*Evangelium Secundam Joannem*).

Os artistas não podiam ser indiferentes à grandeza desta scena lembrada pelos cantos e pelas palavras plangentes do culto: desde os capiteis historiados à estatuária, desde as tábuas dos primitivos às telas dos pintores mais modernos, o passo trágico do Enterro é sempre um belo e comovido lance.

Interpretado de tantas maneiras, uns esforçam-se por dar a soturnidade do momento, o desespero das santas mulheres, a veemência do treno sagrado, outros interpretam com calma a poesia dos versículos, exteriorizando pouco na face dos seus personagens o que lhes tumultua dentro da alma, depois do drama exaustivo do Calvário...⁽¹⁾

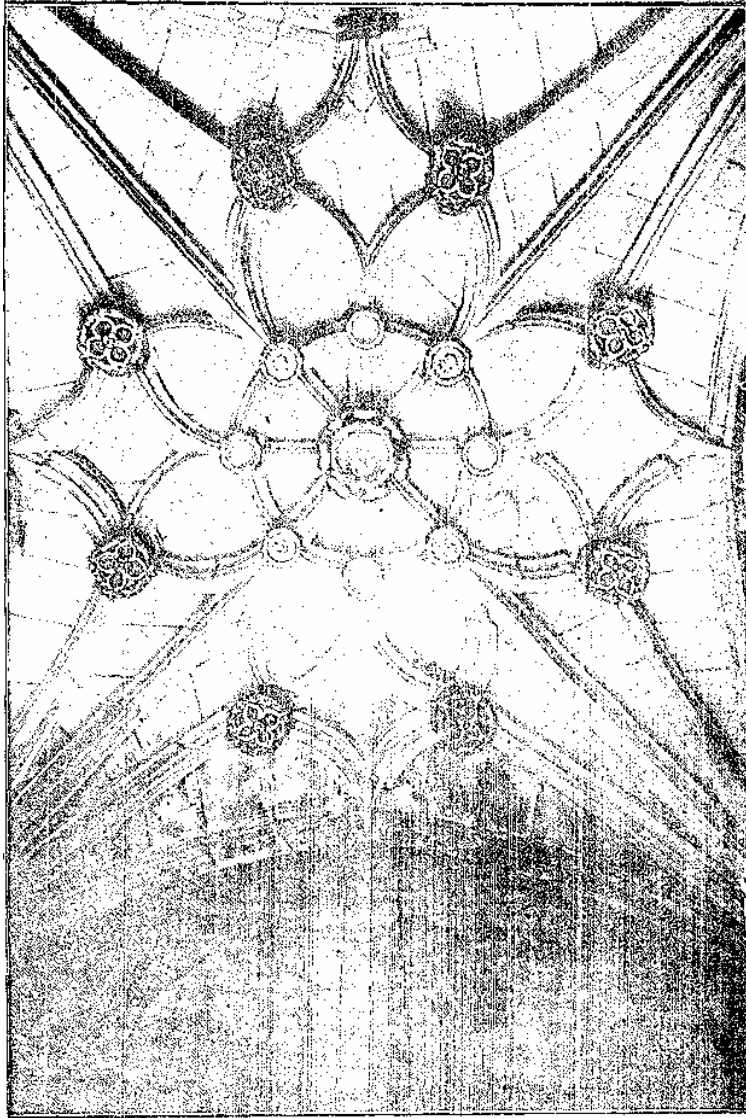
Notemos a diferença que vai do baixo-relêvo existente no claustro de Santo Domingo de Silos, obra de oficina mourisca, do século XII, ao Monumento de Solesmes, de 1496! Primeiramente, as figuras são rígidas, inexpressivas, embora o artista consiga, apesar da ingenuidade dos processos técnicos, dar um conjunto dramático em que se destaca já o grupo das três *dolorosas* de mãos erguidas junto de Cristo, piedosamente colocado sobre a pedra tumular, ou ainda os outros personagens do cortejo silencioso, como se vê no dístico de marfim, do fim do século XIII, pertencente à coleção Claudius Cote⁽²⁾. Depois, a imaginária aperfeiçoa-se, adquirindo dia a dia mais individualidade, enriquecendo-se a mímica dos santos personagens interpretando cada um o seu papel nas scenas plásticas inspiradas nos Evangelhos. Aumenta o número das *Piedades* e das *Deposições* pelas igrejas e capelas, e os artistas definem cada vez mais a acção das suas esculturas, dando-lhes movimento e expressionismo. De um lado, os italianos, como Donatello ou Riccio, um com a sua pequena composição em bronze do Louvre, o outro com o bronze que lhe é atribuído⁽³⁾, ambos tratando o en-

(1) E' curiosa a laicização dos motivos da Piedade e da Deposição pelos pintores Ladureau, com o quadro *La Douleur*, exposto no *Salon* de 1914, e Cattet com a tela admirável *Pays de la Mer Doweur*, exposta em 1908 na *Société des Beaux Arts*.

(2) *Histoire de l'Art*, T. II — André Michel.

(3) *Les Arts*, Mars, 1907.

(4) *Les Ylrfis*, Septembre, 1911.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
(ABOBADA)

Cl. do Autor.

têro de Cristo com uma fisionomia veemente, com uma gesticulação de desespero e de angústia que não se apasigua. Do outro lado, imaginários como Hans Decker ou como o autor do *Santo Sepulcro* do Hospital de Tonnerre, concebendo as suas figuras invadidas por um sofrimento que se concentra, que se cala e se desenha apenas num ou noutro traço de desolamento — o manto caído sobre os olhos, a inclinação da cabeça, braços abertos numa compungida reverência ao mártir que mãos piedosas ungem de perfumes. Tenho diante dos olhos a reprodução do fragmento de um grande retábulo policrómico em madeira, do século xv, obra franco-flamenga, da colecção Maignan: uma *Piedade* que exprime esta mesma dor contida, sem gritos e sem esgares; há apenas expressões saudosas moduladas pelo olhar da Virgem e de S. João fitando o corpo hirto do Nazareno, o seu cabelo anelado... (1)

O patético assim aparentemente sereno cede pouco a pouco o lugar ao maneirismo das atitudes, aos gestos convulsivos, como se vê nessa composição atormentada, o *Sepulcro* de Juan de Juny, da catedral de Segóvia, com o martírio ainda exagerado pelo realismo intenso dos artistas espanhóis.

As *Deposições* em Portugal são muito poucas, e reduzem-se principalmente, que eu saiba, aos exemplares conservados no *Museu Machado de Castro*, de Coimbra, dos quais se destaca o mais completo, de autor desconhecido, e que António Augusto Gonçalves tem como um dos mais insignes imaginários da *renascença coimbrã*. Esta obra é, sob o ponto de vista da indumentária, um interessante anacronismo: o artista vestiu os seus personagens com aquela mesma falsa justesa histórica observada nos mistérios pelos ambulantes *confères de la Passion* que primavam pelo desdém da cor local, do ambiente onde viviam as figuras bíblicas. A *Deposição* existente em Braga, ria Capela dos Coimbrãs não se compara em belesa, em técnica às duas do *Museu Machado de Castro*, principalmente àquela que é atribuída pela autoridade de António Augusto Gonçalves a um dos mais insignes imaginários da *renascença coimbrã*.

No *Monumento* de Braga, em calcáreo, barbaramente repintado, sobresái, em primeiro lugar, a estátua jacente de Cristo, depois as imagens de José Arimathaea e Nicodemo,

(1) *Les Arts*, Novembre, 1906.

e merece uma especial atenção a face do túmulo donde se destacam em relevo as sentinelas adormecidas..

As restantes figuras, talvez posteriores, são de um autor diferente que trabalhou mais grosseiramente a pedra sem esquecer, porém, de vincar nos rostos a expressão maguada e lacrimosa da despedida: o grupo da Virgem e de S. João que a ampara tem a sua intenção dramática.

O conjunto desta composição, *made seemingly of terra cotia* (1), sob o arco é bem distribuído e ordenado, e a figura do anjo que pende da parede, segurando uma legenda, completa como uma viva nota decorativa este quadro piedoso, a que se ligou certamente mais tarde a estátua de um centurião assente numa mísula à entrada, do lado esquerdo.

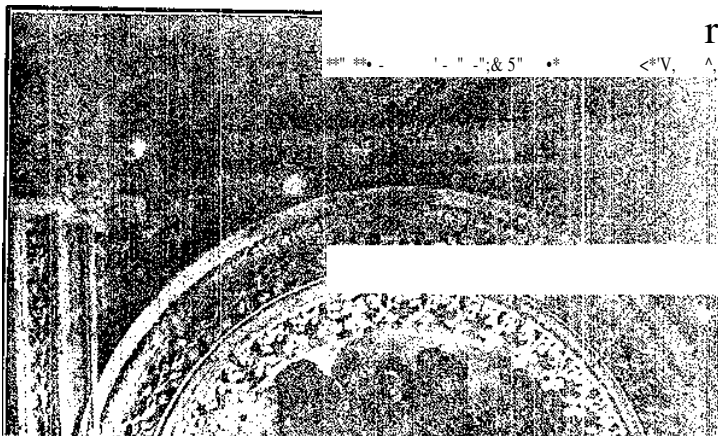
As mãos que modelaram o Cristo morto, que lhe plasmaram o tórax e executaram os dedos esguios não foram as mesmas que trabalharam as outras imagens ligadas a uma arte quási popular e inferior sob o ponto de vista técnico.

No século XVIII foram feitas grandes obras na capela, sendo toda revestida de azulejo historiando a vida de Adão e Eva, antes e depois do pecado, com as scenas da tentação pela serpente, da expulsão do Paraíso e dos primeiros trabalhos a que os arrastou a fatal desobediência.

Nesta mesma época, S.^{to} António que era ali venerado fora do monumento, teve também a sua capela edificada com relativa grandeza junto da parede Este da torre, em que estava a sala do arquivo: precedida de uma escadaria, já ultimamente modificada, como se pode ver no desenho de Nogueira da Silva publicado em 1878, a capelinha merece especial atenção pelo seu altar todo em pedra, entalhada como se fosse madeira, com os seus dois baixos-relevos alusivos à vida milagrosa do bom santo português, com as suas quatro colunas salomónicas enleadas de pâmpanos, e com o seu frontal ostentando ao centro a basílica paduana.

E aí ficam estes elementos para o estudo da capela edificada pelo Dr. João de Coimbra na igreja de S. João do Souto, capela que foi também o pequeno panteon da casa dos Coimbrãs, como se lê no *Instrumento de Instituição do Morgado* e no *Termo de Apegação* mencionados:

(1) *Portuguese Architecture—Wzison.*



w W?--'''-;^§P11^!^
I' *? • 'IU', "'• "' • "' "''' "''' -'-'-r, ^•^'" VtP^*



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO)

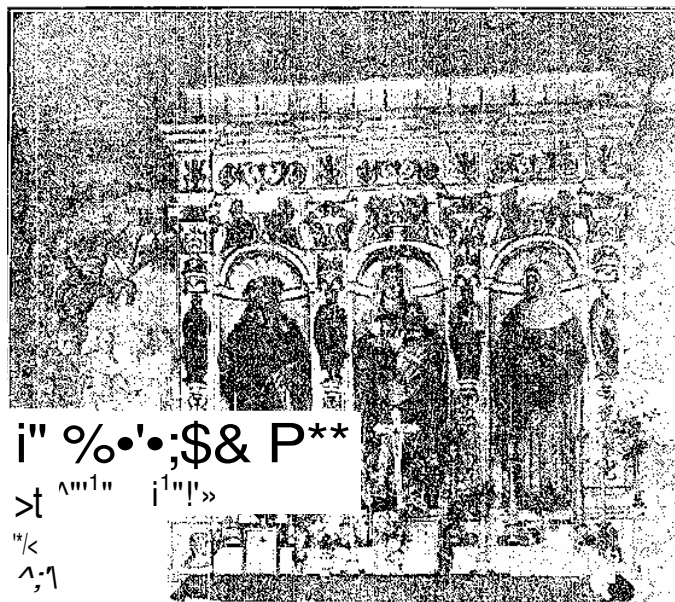
, Cl. do Autor.

"O plano d'ella está solhado de madeira e debaixo d'esta as sepulturas d'onde se costunião enterrar os administradores d'este Morgado e suas famílias e pessoas de sua licença.

Joaquim de Vasconcelos, o ilustre Mestre, dizia um dia, com razão (1), que a fidalguia portuguesa não fora generosa para com os seus mortos, que não se preocupara com a arte senão por excepção: aparte o jazigo dos Silvas, em S. Marcos, o túmulo de D. Luís da Silveira, em Gois, (2) os da família Lemos em Trofa (Águeda) e alguns outros, pouco mais existe em Portugal digno de menção. O Prévior do arcebispado de Braga, o dr. João de Coimbra, foi desses raros que também quiz erguer devotamente o seu monumento para serviço de Deus e descanso eterno para si e morgados da sua descendência.

(1) *Monumentos da Arte*—Joaquim de Vasconcelos.

(2) *Um Túmulo Renascença*—Virgílio Correia.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
(ALTAR-MOR)

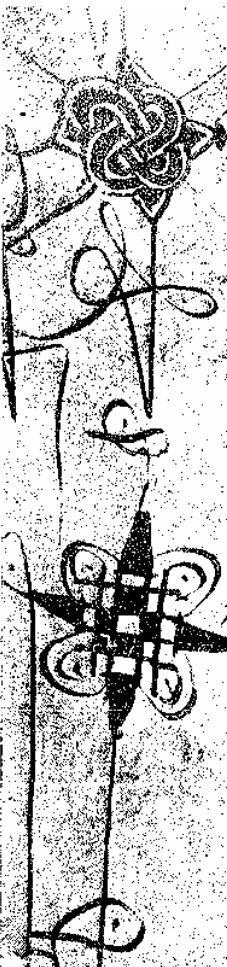
C!, do Àuioi,

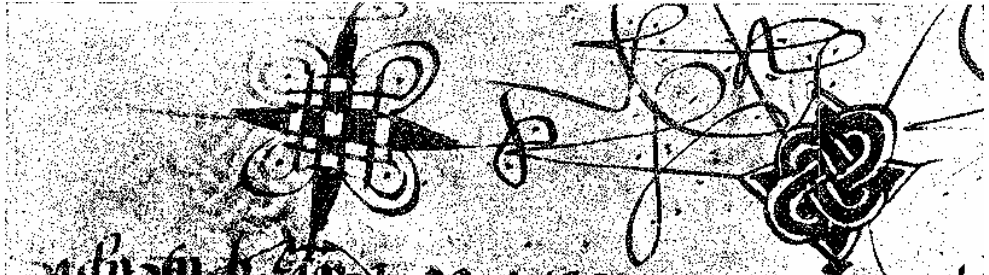
Em Nome de ds Amen. Saibham
Quanto este Estrom^o De Institui
caom pera o caso abairo nomeado
Instituido e ordenado virem Como no
Anno do nascimento de nosso snor jhu
xpo de mill e Quinhentos e trinta annos
Aos dezasseis dias do mes de feuerero
Do dcto Anno nesta muy Antigua e
sempre lial Cidade de Bragua nas
Cajas da morada do snor doctor Jm^o
De Coimbra prouisor Em este Archpado
Estando elle dcto snor doctor prefe
e Em presenca de mim tabalia m^o
das testemunhas abairo nomeadas
logo p^o dcto snor doctor foy dcto
que assy Em Verdade q^e elle tinha
licenca del Rey nosso sor pa poder
Comprar bens de Raiz pa dotar
hua Capella q^e tinha feta na f^o
De sao Johao do souto e q^e elle or
tinha Comprado Algua fazenda
Aq^ue tinha Asentado nos l^o



INSTRUMENTO DE INSTITUICAO

do. **M**emoratido da Villa de guimaraes conforme a carta de sua Alteza. E que elle spezaua Ao diante com paz mais dando lbe os Vidaz q Da dsta fazenda que comprada. Cassenada tinha dotava e fagia ordenada e Criua. Esta capella no modo que se Ao diante segue. Aquall carta del Rey nosso snor e ordenada e Justimiao da dsta Capella hum Apos outro he o seguinte: **R**elado da carta de sua Alteza **D**onn Joham per graça de ds Rey de portugal e dos Algarues da que e dallem mar em Afrigua snor de guinea e da conquista navegacao comercio de topia Arabia persia e Indidia: Equamta Esta mumba





Para virar fãça saber q o doctor in
 de combrã prouisor do arcebpado de bra
 qua me fez informaçõ que elle por
 seuuio de nroso snor e de/tapeço de
 sua contencia e pias Almas aque/ta
 obriguado fãça sua capella de iunõa
 caõ de nrosa snora da concepçõ em
 a/çã de sãõ joãõ do souro da d/ta
 çãõ de brãçã para nella fazer sua
 sepultura pedindo me por meã q
 por o uãto elle q uã compra
 bens de Ray para leuar e dotã
 d/ta capella para se dizer nella cada dia
 missã. E leuar por administrador os en
 parente ou parenta leigo mais chã
 do ouueje por Bem q elle podã dom
 par os d/ta bens. E visto por mim
 seu Regimẽto e exordio fazer
 gra e merei rãõ por Bem e l/ta
 dou lugar. Uãta q elle nroso co
 para todos os bens de Ray e l/ta

Dom diego de souza p merce de de. da se ta Igreja
de Roma Arcebispo e snior de braga pmos dos espa
nhas e ffazem Sabz i qntos. este Nosso alu^a virem
q sendo nos Requirido e emfformado pto Doctor In d
coimbra nosso promisor q elle tinha. ffazta huã capella
em esta nossa Cidade em a Igreja de são Johão do souz
to Aglt dotara certos bens e ffazenda e ffazera sua Insti
tuicao catinlja Agentada e notada No liuro das nottas
de thomee diz tabaliã. em esta Nossa Cidade p ante
o gll tam e p ante as testemunhas q pa isso Rogou
elle Comcedo e ffiz e outorgou todo o na dita Institu
icao cõthendo e por q o dito thomee diz he cotinuada mte
ocupado Com seu officio em occupações cotinuas e my
necessarias A Republica e asy sua letra Não he tao boa
pa se tirar da nota A Instituição ppetua e de tanta imp
ortancia e q se adueza e andar p muitas maos. Nos pi
dia por merce Nos aproueuz de darmos licença ao dito
thomee diz que esta Instituição e ppetua p outra pessoa
e nos vendo as Rezoes acima ditas e como asy he
Vidade Nos apraz e damos licença e fugaz ao dito
thomee diz tabaliã que p ouzã pã possa tirar tres
trellados do dito liuro de suas nottas em q esta spta
A dita Instituição os quaes serã scptos e dadeua mte
e cotinuos e colationados Com elle dito thomee diz e outo
tabaliã e assignatã ao pce de cada lauda de seus signaes
publicos e este Nosso alu^a seia spto e qreladado Na

Alvará do Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, datado de 15 de Abril de 1537, e autenticado com o selo branco onde se vêem as suas armas, autorizando Thomee diz, tabelião, a tirar do livro de notas respectivo três treslados do Instrumento da Instituição

fim da dita Instituição pa. em todo
 da de enão aner ahy dunda Affr
 cidade de braga sob Nojo signal
 da ball Do Armo do Mastimen
 Jhu xpo de 1530 annos

Is e saber a viz
 1721 no 72
 de 30 de
 10 de 1721

S5
 < n
 ^
 2

1721
 1721

^

 v.
 *